

**CAETANO DE SOUZA REZENDE E SEUS FILHOS - OS “ALVES DE REZENDE” –
PIONEIROS NO SERTÃO DA FARINHA PODRE (TRIÂNGULO MINEIRO)**

Adolfo Carlos Resende de Queiroz

Resumo: *Origem do português Caetano de Souza Rezende e fatos (incluindo a questão religiosa com a “santa inquisição”) que marcaram a sua passagem pelo arraial de São Gonçalo do Bação, atual Distrito de Itabirito/MG. Descrição, também, de seu núcleo familiar – os “Alves de Rezende”, cuja parte deslocou-se desta região, indo se fixar, por volta de 1818, no Sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro), em terras próximas aos rios Uberabinha e das Velhas (atual Araguari).*

Abstract: *Origin of the Portuguese Caetano de Souza Rezende and facts (including the religious question with the “holy inquisition”) that marked his passage through the camp of São Gonçalo do Bação, current District of Itabirito / MG. Also, description of his family nucleus - the “Alves de Rezende”, whose part moved from this region, going to settle, around 1818, in the Sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro), in lands close to the Uberabinha and das Velhas (now Araguari).*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho são apresentados os antepassados do português Caetano de Souza Rezende (meu heptavô) e detalhes de sua passagem por Minas Gerais (São Gonçalo do Bação, distrito de Itabirito), onde se casou com Quitéria Maria da Conceição (Alves Carrejo) e teve 11 filhos, dos quais cinco se deslocaram desta região, indo se fixar, por volta de 1818, no Sertão da Farinha Podre (Triângulo Mineiro), em terras próximas aos rios Uberabinha e das Velhas (atual Araguari). Foram eles: Silvério Alves de Rezende c/c Maria Rodrigues do Carmo; José Alves de Rezende c/c Antônia Rosa da Costa; Luciana Alves de Rezende c/c Francisco Rodrigues Rabello; Genoveva Alves de Rezende c/c João Pereira da Rocha e Caetanos Alves de Rezende, casado com Ana Fernandes dos Santos.

As primeiras informações obtidas por mim acerca da origem da família Resende ou Rezende no Triângulo Mineiro, à qual pertencço, foram repassadas oralmente por tios e primos mais velhos. A partir daí busquei subsídios, em inventários *post mortem*, localizados no Arquivo Público de Uberaba. No de

Geneveva Alves de Rezende (1841) constatei a filiação dos irmãos “Alves de Rezende” e no de José Alves de Rezende (1843) o local de origem da família (São Gonçalo do Bação). Nas pesquisas efetuadas no Arquivo Público Mineiro e na Fundação Cultural Calmon Barreto, em Araxá/MG, localizei alguns documentos relacionados à aquisição de terras por Caetano de Souza Rezende e familiares. No Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG, encontrei o registro de casamento do casal Caetano e Quitéria, onde consta a naturalidade e a filiação de ambos. Neste mesmo Arquivo, localizei os apontamentos de batismo de Quitéria e de seus filhos, além do óbito de Caetano. No Museu da Inconfidência – Casa do Pilar, em Ouro Preto, localizei o testamento de Caetano, contendo diversos dados a respeito da família.

Uma vez constatada a naturalidade e nacionalidade de Caetano, as pesquisas se estenderam até os Arquivos Distritais de Aveiro e do Porto, onde deparei com os registros de seus antepassados. Localizei, por fim, no Arquivo Nacional Torre do Tombo, a existência de um processo contra Caetano de Souza Rezende, referente à denúncia relacionada à “crise de fé”, em que o mesmo teve que se retratar perante a “Santa Inquisição”, aqui no Brasil, em 1793.

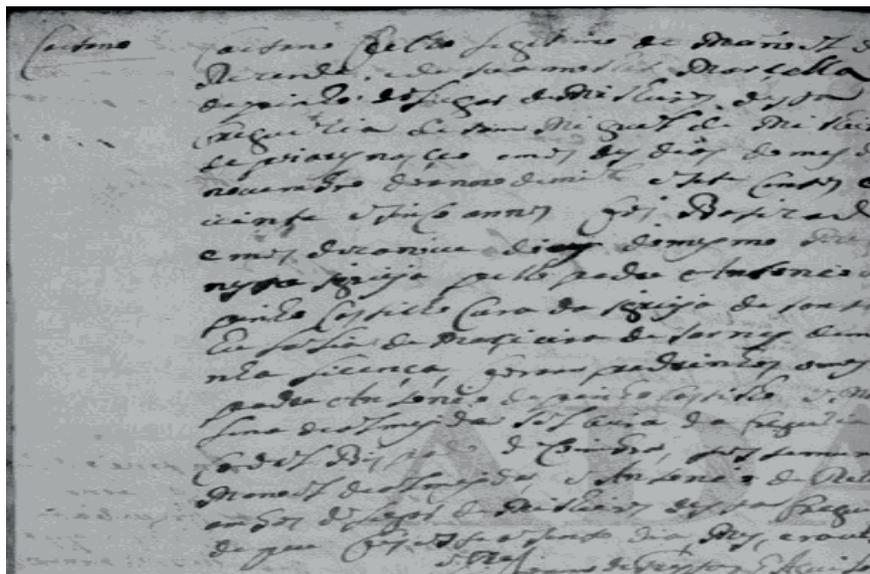
Utilizando o mesmo modo de pesquisa identifiquei, também, a origem dos cônjuges dos “Alves de Rezende” que se deslocaram para o Triângulo Mineiro.

Brasília/DF, junho de 2020

Adolfo Carlos Resende de Queiroz

ASCENDÊNCIA DE CAETANO DE SOUSA REZENDE

1. **CAETANO DE SOUZA REZENDE** nasceu em 10-NOV-1725, em Sam Miguel de Milheirós de Poyares ¹, Comarca de Feira, Bispado do Porto, em Portugal, onde também foi batizado pelo padre Antônio de Pinho. De acordo com o assento contido no Livro 3 de Registro de Baptismo da Paróquia de Milheirós de Poyares, disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro/Portugal, era filho de Manoel de Rezende e Marcella de Pinho.



Batizado de Caetano de Sousa Rezende – Documento digitalizado – (PT-ADAVR-PVFR14-1-3_m0075.tif), Paróquia de Milheirós de Poiares, Registos de bápismo, liv.3, disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro – Portugal (<http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1257519>).

PAIS

2. **MANOEL DE REZENDE** nasceu e foi batizado em Sam Miguel de Milheirós de Poyares em 04-ABR-1687 e faleceu em 31-MAR-1743, na mesma localidade. Casou-se com Marcella de Pinho em 09-AGO-1714, na igreja local.

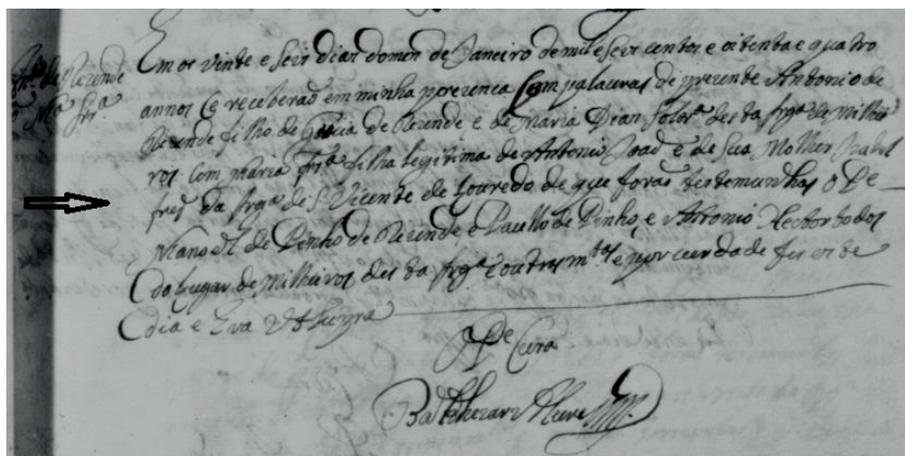
Casamento de Manoel de Rezende e Marcela de Pinho - Documento digitalizado - (PT-ADAVR-PVFR14-2-3_m0090.tif), disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro - Portugal (<http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1257564>)

Avós

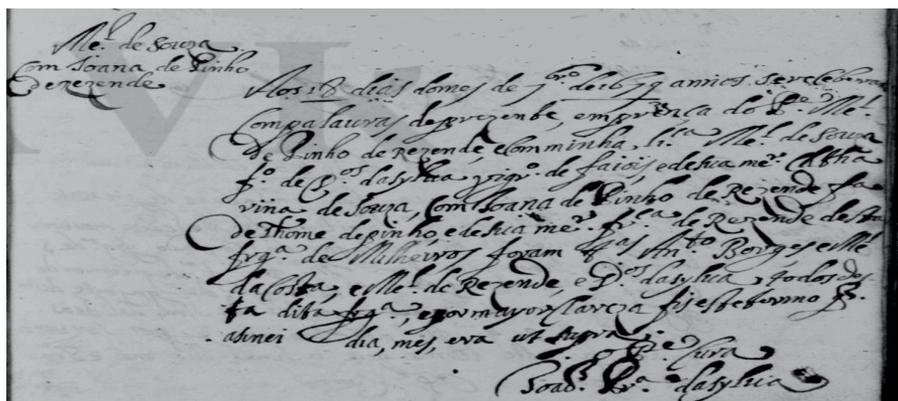
4. **ANTÓNIO DE REZENDE**² (no casamento do filho já era “defunto”). Casou-se com Maria Ferreira em Milheirós, em 26-JAN-1684, de onde eram naturais.
5. **MARIA FERREIRA** (no casamento do filho aparece como moradora do lugar de Preza, da Freguesia de Milheirós).
6. **MANOEL DE SOUZA PEDROZA**. Casou com Joanna de Pinho de Rezende em 18-AGO-1679. Ostentava a patente de Capitão, sendo pessoa de destaque, pois aparece como padrinho em batizados e testemunha em casamentos.
7. **JOANNA DE PINHO DE REZENDE** (falecida no casamento da filha).

² Na família, num espaço não muito longo, existiram três Gracia ou Guarcia de Rezende. Com relação à filiação paterna de Antônio de Rezende, cabem algumas considerações. Francisca de Rezende cc Thomé de Pinho batizou, em 10-SET-1652, um filho de nome “Guarcia”, onde os padrinhos foram Izabel e Guarcia, seus irmãos e filhos de “Guarcia de Rezende”, moradores, também, em São João da Madeira.

Em 03-MAIO-1647 foi lavrado o casamento de Antônio de Rezende com Maria da Costa. Este, filho de Gracia de Rezende e Maria Francisca. O Antônio de Rezende, pai de Manoel e avô de Caetano, tem como filiação – Gracia de Rezende e Maria Dias e não Maria Francisca. Casou-se 36 anos depois, em 26-JAN-1684, com Maria Ferreira. No registro do óbito de sua mãe, ocorrido em 10-AGO-1702, onde ele é mencionado, Maria Dias aparece como solteira e moradora da localidade de Preza, da Freguesia de Milheirós. Seria, então, o Antônio - avô de Caetano, filho natural do Gracia de Rezende, o velho e ainda sido registrado com o mesmo nome do “meio-irmão” ou seria ele, neto do mesmo, ou seja, filho do outro Gracia, o moço? Esta é uma questão que vai demandar uma pesquisa mais avançada.



Casamento de Antônio de Rezende e Maria Ferreira - disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro - Portugal



Casamento dos avós de Caetano: Manoel de Sousa e Joanna de Pinho - Documento digitalizado - (PT-ADAVR-PVFR14-2-1_m0139.tif), disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro - Portugal .

8. **GRACIA DE REZENDE**, de São João da Madeira.
9. **MARIA DIAS**, moradora na localidade de Preza e falecida em Milheirós, em 10-AGO-1702.
10. **ANTÔNIO JOÃO**.
11. **IZABEL FERREIRA**, da Freguesia de São Vicente de Louredo.
12. **DOMINGOS DA SYLVA**, de Faiós.

13. CATHARINA DE SOUZA.

14. **THOMÉ DE PINHO**, nascido em Milheirós, em 10-ABR-1606 e falecido na mesma localidade, em 17-JUN-1691. Casou-se com Francisca Rezende, em 30-ABR-1645.

15. **FRANCISCA REZENDE**, falecida em 06-MAR-1696, também, em Milheirós.

TRISAVÓS

26. **FRANCISCO JOÃO**. Casou-se com Guiomar Fernandes em Milheiros, em 30-MAR-1598. No referido assentamento consta como filho de Gonçalo Afonso.

27. **GUIOMAR FERNANDES**.

28. **GRACIA DE REZENDE**.

29. **MARIA FRANCISCA**.

CAETANO DE SOUZA REZENDE NO BRASIL

CAETANO DE SOUZA REZENDE, como muitos outros portugueses que decidiram vir para o Brasil naquela época, escolheu a região aurífera das “Minas Geraes”, possivelmente pelas oportunidades de enriquecimento que ela podia oferecer. Estabeleceu-se em torno de Itaubira ou Itabira do Campo (Itabirito), especificamente no arraial de São Gonçalo do Baçõ. O referido arraial, hoje distrito de Itabirito, surgiu no século XVIII, no período do ciclo do ouro, sendo rota de tropeiros.

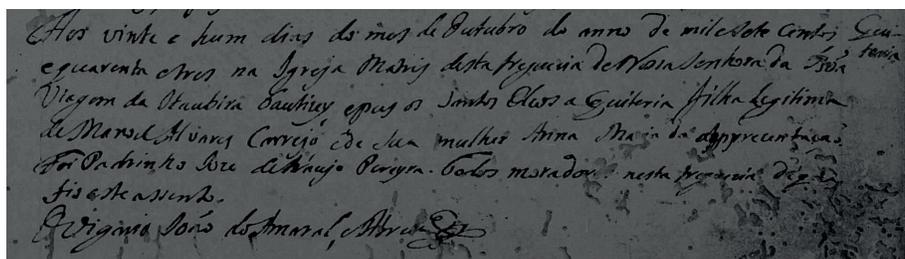
Casou-se no Brasil com a brasileira **QUITÉRIA MARIA DA CONSEISÃO**, em 14-JAN-1760, na capela de São Gonçalo do Baçõ, filial da matriz de Itaubira. Ele com 34 anos e ela com 16 anos. No referido documento há a informação sobre a filiação e naturalidade dos noivos. Dentre as testemunhas, aparece o nome de Francisco Resende (Caetano tinha um irmão com este nome). O registro está nas páginas 45 e 45v do Livro 18 de Casamento de Itabirito/MG, do período 1742 a 1802, onde, na citação dos noivos, o nome da nubente aparece como Quitéria Maria da “Encarnação”; porém, no corpo do documento (relato), ele já consta como Quitéria Maria da “Conseição”. A transcrição da Arquidiocese de Mariana, a seguir inserida, corresponde, literalmente, ao registro original.

Quitéria Maria da Conseição era originária da região de Itabirito, onde

foi batizada em 21-OUT-1743, na matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira (Itabirito). Era filha de Manoel Alves Carrejo³, (nascido em 21-NOV-1700 e batizado no dia 28 do mesmo mês, na freguesia de São Salvador da Lavra, Concelho de Maya, Bispado do Porto - atualmente ligado ao Concelho de Matosinhos - Portugal) e Ana Maria da Apresentação, natural e batizada na Freguesia de São Salvador da Ilha de Faial, Bispado de Angra.

O casal contraiu núpcias em 10-FEV-1738 na matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira (Itabirito). Era neta de Manoel Gonçalves Carrejo (filho de Antônio Gonçalves e Maria Gonçalves) e de Maria Álvares, nascida em 11-Jan-1682 (filha de João Alves e Maria Martins), casados em 23-AGO-1696 na Igreja do Salvador, na mesma freguesia, à época pertencente ao Concelho de Maya.

(Pesquisa Sílvia Buttros para o Projeto Compartilhar).



Batizado de Quitéria Maria da Conseqüência, localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG Livro de Batismo e Casamento N.S Boa Viagem de Itabirito - Período: 1741/1793, digitalizado (Imagem 939N-PSKZ.jpg) e disponibilizado no endereço eletrônico: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-PSKZ?mode=g&i=21&wc=M5FJ-ZJZ%3A369591801%2C369591802%2C370014801&cc=2177275>

³ Considerando os registros pesquisados, observa-se que o sobrenome Álvares com o tempo foi abreviado para Alves, forma que acabou sendo adotada pela família. E, quanto ao outro sobrenome - Carrejo, que figurou a partir de Manoel Gonçalves Carrejo, passadas algumas gerações, transformou-se em Carrijo.

Em Portugal, "carrejo" significa ato de carrear ou transportar (carreto). "Carrejo" também é uma aldeia do município de Cabezón De La Sal, na comunidade autônoma da Cantábria, no norte da Espanha.



ARQUIVO ECLESIÁSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA
AEAM
Colligite fragmenta, ne pereant! (Jo. 6, 12)



Certidão de Casamento
Arcebispo de Mariana

O Diretor do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM), in fine assinado, certifica que no Livro de Casamento de Período 1742 - 1802, Local –Itabirito mantido em custódia no Arquivo da Cúria Livro L.18 página 45 – 45v pode-se ler o registro do teor seguinte.

“Caetano de Souza Rezende – Quitéria Maria de Encarnação

Aos catorze dias do mês de Janeiro de mil e sette centos e sessenta na Capella de Sam Gonsallo do Baçam, filial desta Matris da Itaubira pellas onze horas do dia, depois de feitas as dilligencias, na forma do Concilio Tridentino, e constituçãõ do Bispado, com provizam do muito Reverendo Doutor Jose Baptista da Sylva, Vigario da Vara desta Comarga, na minha presença e das testemunhas abaixo assignados, a saber Manoel da Costa Bravo, Francisco de Rezende Antonio Rodrigues Guimaraes e Joze da Sylva Neves e outros muntos, que presentes estavão, se cazarão solemnemente por palavras de presente em face de Igreja, Caetano de Souza Resende filho legitimo de Manoel de Rezende e de sua Mulher Marsella de Pinho Baptizado na freguezia de Sam Miguel de Milheiros, dos poiares comarca de Feira Bispado do Porto; com Quitéria Maria da Conseição Filha Legitima Manoel Alves Carreijo e sua Mulher Anna Maria da Apr// Da apresentasão elle contrahente natural e Baptizada nesta Freguesia de N. Senhora da Boa Viagem da Itaubira e logo lhe dei as bençois, que mando a Santa Madre Igrª de Roma e Rituais, de que para constar fis este assento, que aassignei era ut Supra.

O Coadjutor Henrique Vicente

| | |
|--|----------------------------|
| <i>Fran^{co} de Rezende</i> | <i>Jose da Sª Neves</i> |
| <i>An^o Rois Guim^{es}</i> | <i>Mel da Costa Brabo”</i> |

E nada mais continha o dito registro que fielmente copiou a paleógrafa e primeira Arquivista do nosso AEAM, Luciana Viana Assunção, e eu li e achei plenamente conforme ao original a que nos reportamos.



Mariana, 24 de abril 2014

Ita In fide Presbyteri
Mons. Flávio Carneiro Rodrigues

Diretor do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana
Luciana Viana Assunção
Luciana Viana Assunção

Arquivista

Rua Direita, 102 • Caixa Postal 13 • CEP 35420-000 • Mariana • MG • Fone: (31) 3557-2364 • e-mail: curia@feop.com.br

Casamento de Caetano de Sousa Rezende com Quitéria Maria da Conseição – Documento transcrito pelo Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (Livro de Casamento - 1742/1802 - Itabirito)

ATIVIDADES EXERCIDAS POR CAETANO E SUA FAMÍLIA EM SÃO GONÇALO DO BAÇÃO

Com relação às atividades exercidas por Caetano de Sousa Resende e sua família, considerando a época e o local aonde habitavam, não se pode, a princípio, descartar a hipótese de que tenham labutado na atividade mineradora. Cabe ressaltar que a partir da segunda metade do século XVIII, a referida atividade na região começou a declinar com o esgotamento do ouro encontrado nos barrancos das margens dos rios ou em seus leitos, chamado ouro de aluvião - ou ouro de superfície, cuja retirada se dava de forma manual, utilizando-se, para a sua separação da areia e do cascalho, de utensílios simples como a bateia (tipo de uma bacia cônica).

Entretanto, as evidências apontam que a família se dedicava ao cultivo da terra, tanto que, em 18-OUT-1790, Caetano de Souza Rezende faz um requerimento à autoridade competente (Visconde e 1º Conde de Barbacena), visando regularizar terras em litígio. Após sua morte, a viúva Quitéria Maria da Conceição e o filho Manoel Alves de Rezende, como testamenteiro, solicitaram à autoridade da época - Conde de Sarzedas, em requerimentos individuais, ambos datados em 14-MAR-1798, a regularização da sesmaria, considerando litígio existente (Arquivo Público Mineiro - Notação: SG-Cx.38 - Docs. 24 e 25). Nos referidos requerimentos informam que são moradores do sítio de nome “Forquilha”⁴, cujas terras eram cultivadas pelo falecido Caetano. Detalham, também, a localização do mesmo, “...na freguesia de Congonhas do Campo, termo desta Villa, a redado meya legoa do Ribeirão do Leça, que parte de huma banda com a estrada que vai para Congonhas e Sam Gonçalo do Bação, confrontando com terras que forão de Francisco Tavares do Rêgo e de outra parte com cítio do Pires, com terras que forão de Manoel Pires Miranda, com as de Manoel Gomes de Rezende e Sesmaria de José Gonçalves de Barros.”

⁴ Esse nome Forquilha foi adotado, posteriormente, em terras triangulinas, por descendentes de José Alves de Rezende em uma das subdivisões da Fazenda Monjolinho.

CAETANO E A QUESTÃO RELIGIOSA - INQUISIÇÃO

No Brasil do século XVIII, período em que aqui viveu Caetano de Souza Rezende, além da cultura nativa e a deixada pelos colonizadores portugueses, havia, também, a cultura trazida pelos escravos de suas nações na África. Portanto, não eram incomuns algumas práticas de rituais e outras manifestações, muitas delas tidas como contrárias aos princípios católicos (heresia). Existem registros dando conta de que muitas pessoas, doentes ou com familiares enfermos, se valiam dessas chamadas “práticas místicas”, como o curandeirismo, principalmente quando os remédios e a fé nos atos da igreja já não davam o resultado esperado.

Por outro lado, contrapondo a estas condutas chamadas “desviantes”, atuava a Inquisição - instituição de caráter “judicial”, criada pela Igreja Católica no século XIII, para julgar e punir as pessoas que não seguiam os costumes, a fé e os dogmas do catolicismo.

A inquisição no Brasil estava ligada ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. Então, nas localidades, as denúncias eram dirigidas à mesa de visitação eclesiástica, instalada com inquisidores designados, muitos acumulando cargos como eclesiásticos. Ressalte-se que pessoas procuravam estes agentes, não só para denunciar terceiros, mas também, com o intuito de denunciar-se para “desencargo de suas consciências”.

Encontra no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Portugal, (código de referência: PT/TT/TSO-IL/028/CX1641/17219), denúncia do “Tribunal da Santa Inquisição” contra Caetano de Souza Rezende, em que foi inquisidor Nicolau Gomes Xavier. Este inquisidor possuía alto cargo na hierarquia da Inquisição - o de Comissário, além de ser Vigário e Pároco de Raposos, localidade próxima a Sabará. Nesta denúncia, cujo termo de culpa está datado de 25-FEV-1793, em São Gonçalo do Bação, o denunciado se arrepende e afirma não ter sido sua intenção “delinquir” contra a “Santa Fé Catholica”, a qual carrega e professa. Ao denunciar-se por um fato ocorrido cerca de 20 (vinte) anos passados, em que, na casa de um morador – Patrício Peixoto, manteve contato com um “curador de malefícios”, sacrifica-se às penitências ou disposições que lhe forem impostas, atestando não mais delinquir em coisa alguma que entender ser contra a fé católica. A declaração, além de ter sido firmada pelo próprio Caetano de Souza Rezende, contém a confirmação da esposa - Quitéria Maria da Conseição e dos filhos: Manoel Alves de Rezende e José Alves de Rezende, de que viram “*aquele denunciante contar o que acima está escrito*”.

Assim, ao se delatar, sujeitando-se a um processo humilhante, estaria ele - Caetano, que já se encontrava no declinar da existência (faleceu poucos anos após), buscando se redimir daquilo que talvez tenha interiorizado como um “pecado” - o fato de ter procurado numa certa fase da vida um “curador de malefícios” ou existiriam outras razões que o levaram à delação?

Anno 1793
 N.º 17219
 Caetano de Souza Rezende
 Declaro que em fevereiro de 1793 - 1.º de fevereiro de
 Bacia do Rio de Vila Rica
 Caetano de Souza Rezende
 Como eu cahi na ignorancia de praticar hua coisa q me puz
 sus contra o Tribunal da Sta Inquisicao, ou seja procautor. Sendo q
 nao fui amada intencao delinquente contra a nossa Santa Fe
 Catholica q Crey e privilegio conpedido alho o seu dominio a
 vida; mas tem por sua minha ignorancia a esse effe. puzam como
 ego e compulso, denunciarme porvã adº Tribunal de Offiº
 Estando as penitencias ou di. pozicoes q me forem expoztas, pa
 testando nao delinquente meiz encaida al qua, q entendo ser contra
 ad.º nossa Santa Fe Catholica = He o caso: avias vinte annos pouco mais
 ou menos q fui alora de Patria mixta morador no parayº de mada
 Sabendo desta applicao, encujo esta estava hu preto lb. vello cujo
 nome nao si nem deudo meirva aqual medifferao q era curador de
 maleficio, e q advertira q offensa ou peccado: e prouguente
 eu e hua pupa desta casa tinha ad.º molypia; trouxe a minha
 proença hua Caixainha dentro daq tinha hu bonuro, e q pudoa de
 zarda adoz, e la prouguente nella saude, e la prouguente p. em onta
 Cada avia ad.º molypia: Appendo abuneros varios coizos q eu nao
 pescabi mas antes de confizo, q tinha dentro daq caixainha algum
 instrumento q havia, cujo tom dizia ehe q devia ad.º bonuro, isto
 coguita, mas nao q eu pescabi se nada, e cuido huer industria, e q
 nãa tinha, e mandoume fazer huer remedio cujo nome fiz, e
 fiz q me molypia este preto ou a hea me a hiliº, p. e. f. f. f. f. f.
 lo, cujo medife, q heo tem tinha cabido nam. Ignorancia. Ap
 A. Goncalles do Baco 25 de Fev.º e 1793, dno do Baco Vig. d. Sta
 Vila Rica
 Caetano de Souza Rezende
 Dizeo nos abaixo assignado, q vemy aqta denunciante con
 ta, e q a sira este exite
 Quitara Maria de Lencinas
 M. de Rezende

Denúncia do “Tribunal da Santa Inquisição” contra Caetano de Sousa Rezende, localizado no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Portugal. Código de referência: PT/TT/TSO-IL/028/CX1641/17219

ÓBITO E TESTAMENTO DE CAETANO

Caetano de Souza Rezende faleceu em São Gonçalo do Baçõ, em 29-OUT-1795, prestes a completar 70 anos de vida, sendo seu corpo sepultado dentro da igreja matriz, conforme registro no Livro de Óbito nº M1 - Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem – Itabirito, sob a guarda do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG.

Deixou testamento ditado em 12-ABR-1795 e aberto para as Contas do Pio em 17-JAN-1797. O referido processo, após sucessivas buscas, foi localizado pelo autor em Ouro Preto/MG, em 2016, no Museu da Inconfidência - Casa do Pilar (Códice 317 - Auto 6764 - 1º Ofício).

No testamento deixado, informa a sua filiação, naturalidade e nome dos seus 11 (onze) filhos e legítimos herdeiros. Fala sobre a boa conduta e comportamento da esposa - Quitéria e também sobre a agilidade e exatidão dela na administração dos negócios internos e externos da família. Por esta razão a nomeia primeira testamenteira e, na sua falta, os filhos - Manoel e Silvério, respectivamente. Como Quitéria não aceitou a incumbência (manifestou-se nos autos) coube ao filho Manoel dar sequência como testamenteiro.

OS FILHOS DE CAETANO E QUITÉRIA - A GERAÇÃO “ALVES DE REZENDE”

Caetano e Quitéria tiveram 11 (onze) filhos, os quais herdaram os sobrenomes Alves e Resende. Foram batizados na capela de São Gonçalo do Bação, filial da Matriz de Nossa Senhora de Boa Viagem de Itaubira (Itabirito), conforme registros encontrados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

- 1 (II)- **MARIA**, batizada em 05-SET-1763, Livro 9, 52v.
- 2 (II)- **MANOEL**, batizado em 21-NOV-1765, Livro 9, 167v.
- 3 (II)- **SILVÉRIO**, batizado em 19-AGO-1767, Livro 9, 188.
- 4 (II)- **JOSÉ**, batizado em 13-JUN-1769, Livro 9, 188.
- 5 (II)- **ANTÔNIO**, batizado em 10-JUN-1771, Livro 9, 201v.
- 6 (II)- **ANNA**, batizada em 28-JUN-1773, Livro 9, 214.
- 7 (II)- **FRANCISCA**, batizada em 29-DEZ-1775, Livro 9, 229v.
- 8 (II)- **LUCIANNA**, batizada em⁵ MAIO-1778, Livro 38, 9v.
- 9 (II)- **QUITÉRIA** ⁶, não localizado o registro.
- 10(II)-**GENOVEVA**, batizada em 17-JUN-1783, Livro 38, 38v.
- 11(II)-**CAETANO**, batizada em 21-SET-1785, Livro 38, 63 e 63v.

⁵ Não foi possível identificar o dia do batismo de Lucianna por estar a folha danificada.

⁶ Embora não tenha sido localizado o batismo de Quitéria Alves de Resende, ela foi relacionada no testamento de Caetano. Casou-se com José Pereira da Rocha Rodrigues (Alferes), irmão próprio de João Pereira da Rocha. Pelo menos um de seus filhos – Joaquim Pereira de Resende, também se fixou no Triângulo Mineiro, após contrair matrimônio com a prima – Ana Fernandes de Resende, filha de Caetano Alves de Resende e Ana dos Santos Fernandes.

A TRANSFERÊNCIA DOS “ALVES DE REZENDE” PARA O SERTÃO DA FARINHA PODRE

A região chamada Farinha Podre, compreendida entre os rios Grande e Paranaíba, abrangia os Julgados do Araxá e Desemboque, com respectivas freguesias e territórios. Era passagem de viajantes que se dirigiam às minas de Goiás e Mato Grosso ou que delas retornavam ao centro-sul mineiro (Vila Rica e São João Del Rei) e à Capitania de São Paulo, utilizando-se das picadas, como a do Desemboque e a de Goiás, bem como a estrada do Anhanguera, dentre outros caminhos.

Em 1816, através de alvará, D. João VI mandou desanexar da Capitania de Goiás os referidos julgados e anexá-los à Vila de Paracatu do Príncipe, pertencente à Capitania de Minas Gerais. Teria pesado sobre esta decisão, interesses mercantis de fazendeiros da região de Araxá, mas fala-se (tradição oral), que Dona Beja - cortesã da localidade - igualmente teria influenciado membros da corte visando esta anexação.

Uma das explicações para o nome Farinha Podre está relacionada aos sacos de farinha deixados ao longo do caminho por viajantes, provavelmente para consumir na volta, e que acabavam apodrecendo quando estes se esqueciam de apanhá-los ou simplesmente não retornavam.

O nome Triângulo Mineiro começou a ser citado somente por volta de 1884, em jornais da região, como alternativa ao termo pejorativo Farinha Podre, tornando-se, com o tempo, comum e habitual aos habitantes.

Com o declínio da atividade aurífera, principalmente na parte central de Minas Gerais, e também pelo fato de que os terrenos da região já estavam degradados ou fracos para a atividade agro-pastoril - e até por pressão demográfica - muita gente acabou migrando para outros lugares, como a Farinha Podre; que, a esta altura, já não contava mais com índios tidos como hostis (caiapós) e possuía grandes extensões de terras férteis devolutas, propícias para a agricultura e pecuária.

Dentre estes pioneiros tem-se conhecimento de que, por volta de 1818, tendo como referência a estrada de Anhanguera, cinco famílias partiram do Alto Paraopeba rumo à Farinha Podre com a intenção de demarcar e tomar posse de glebas de terras devolutas (sesmarias). Estes pioneiros eram filhos do Casal Caetano e Quitéria: Silvério Alves de Rezende (Sesmaria Rio Jordão) e sua esposa - Maria Rodrigues do Carmo (Sesmaria Bom Jardim da Estiva); José Alves de Rezende, C.c. Ana Roza da Costa (Sesmaria Monjolinho); Luciana Alves de Rezende C.c. Francisco Rodrigues Rabello (Sesmaria Rio Claro); Genoveva Alves de Rezende C.c. o Alferes João Pereira da Rocha (Sesmaria São Francisco de Assis) e o Alferes

Caetano Alves de Rezende C.c. Ana Fernandes dos Santos (Sesmaria Boa Esperança).

Um critério preponderante que o governo colonial adotava para a concessão de terras em sesmaria (três léguas de comprimento por uma de largura) é o de que o candidato possuísse condições para explorá-las, incluindo aí a disponibilidade de mão-de-obra, que no caso era escrava. Através de inventários *post mortem* (Arquivo Público de Uberaba), observa-se que os sesmeiros da família “Alves de Rezende” possuíam escravos e alguns de seus membros ocupavam, também, postos militares nas companhias de ordenanças (posteriormente transformadas em Guarda Nacional), o que denota certo cabedal.

Ressalte-se que esses “primeiros entrantes” ou pioneiros, inicialmente se apossaram das terras e em seguida requereram as respectivas cartas de sesmaria, as quais só foram concedidas pelas autoridades competentes após estar certificado de que pessoa alguma havia se oposto ao conteúdo dos editais públicos lançados, referentes às áreas pretendidas.

Como pioneiros ⁷, os “Alves de Rezende” se evidenciaram pelo trabalho e modo de vida, influenciando na formação social da região, contribuindo, inclusive, para o surgimento do município de Uberlândia. Na historiografia deste município constam como primeiros “entrantes”.

Folheando inventários *post mortem*, localizados no Arquivo Público de Uberaba - APU e livros de antigos assentamentos lavrados em igrejas da região do Rio Uberabinha e Rio das Velhas (atual Araguari), referentes a batizados, casamentos e óbitos, muitos deles disponibilizados no site <https://www.familysearch.org/>, verifica-se a ocorrência de seguidos casamentos consangüíneos entre as famílias dos pioneiros, resultando na permanência dos bens materiais e, de certa forma, na conservação dos costumes destas famílias.

Também, com base nestes mesmos dados, observa-se que as mulheres se casavam cedo, algumas morriam jovens, possivelmente de complicações do parto. Havia, igualmente, mortalidade infantil. Mesmo assim, as famílias compunham-se de numerosos filhos, o que acabava contribuindo para o aumento da força de trabalho familiar, uma vez que a estas estavam voltadas para as atividades relacionadas basicamente à agricultura e pecuária.

⁷ Alguns descendentes da geração pioneira – “Alves de Rezende”, após a guerra do Paraguai migram para a região de Anhanduy, próxima à então vila de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul e lá ocuparam, também, terras devolutas e formaram um núcleo, conforme descreve a escritora Agda Resende de Padua Guimarães em seu livro - “Os Rezende em Mato Grosso do Sul” Ed. UFMS, 1999. Também, no final do século XIX outros descendentes se desfizeram de suas terras no Triângulo Mineiro e foram adquirir outras no sudoeste goiano. Dai surgiu a Vila dos Mineiros, atual cidade de Mineiros.

Entretanto, o memorialista Tito Teixeira em seu livro *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil*, descreve que, além das atividades primárias desenvolvidas, João Pereira da Rocha montou na Fazenda São Francisco de Assis uma rudimentar fábrica de anil, cujo produto, conduzido em lombos de burros, era vendido em São Paulo e Rio de Janeiro. Também, o jornalista Antônio Pereira (*Diário de Uberlândia*), em uma de suas crônicas, narra que atividades industriais incipientes igualmente existiam em outras fazendas, como a Boa Esperança, de Caetano Alves de Rezende. Nela se produzia açúcar, aguardente, fubá, farinha, etc, que eram levados em carros-de-bois para serem vendidos em Uberaba e no porto do Rio Grande. Quando não conseguiam vendê-los, atravessavam o rio e iam até à localidade de Casa Branca (SP), à época, um posto avançado de comercialização às margens da antiga “Estrada de Goiás, no interior de São Paulo.

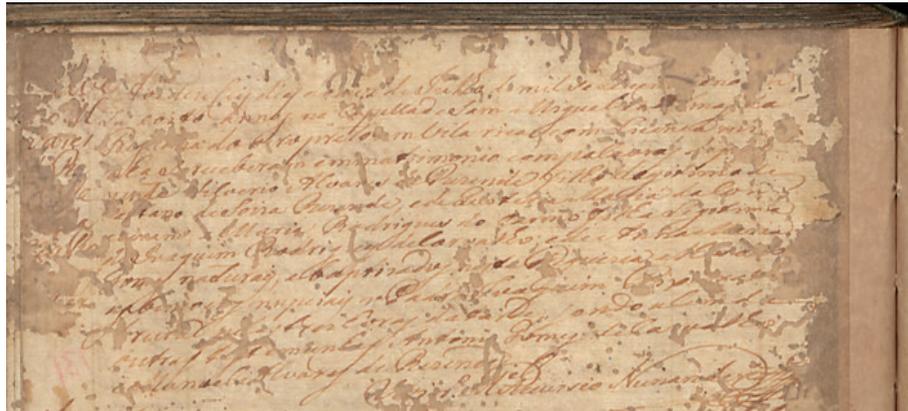
Em suma, os pioneiros levavam os seus produtos para serem vendidos em diferentes praças e geralmente, retornavam com outras mercadorias de suas necessidades, como sal. Identificamos na Biblioteca Digital Luso-Brasileira/ Rede Memória (Coleção Casa dos Contos) apontamento do Administrador do “Registro” do Rio das Velhas (Posto Fiscal) - Bento José de Godoy, sobre o pagamento efetuado por Joaquim Rodrigues de Rezende ⁸, em 02-MAIO-1820, para o “direito de entradas” de trinta cargas de sal ordinário, com destino ao arraial de Meia Ponte. Saint Hilaire, em suas andanças pela região, em 1819, deparou-se com a referida aduana.

⁸ Joaquim Rodrigues de Rezende era filho de Silvério Alves de Rezende e acabou se casando, em 15-SET-1826, com Maria Cândida de Godoy, filha do Administrador do “Registro” – Bento José de Godoy

SESMEIROS DA FAMÍLIA ALVES DE RESENDE

3 II – SILVÉRIO ALVES DE REZENDE C.c MARIA RODRIGUES DO CARMO

Silvério Alves de Resende foi batizado em 19-AGO-1767, na capela de São Gonçalo do Bação, filial da matriz de Itabira (Itabirito), conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (livro L9 de Batismos, fls. 188 - Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito). No casamento de um dos filhos (Rafael Rodrigues de Resende, em 1835, consta que já era falecido). Casou-se em 16-JUL-1794 com Maria Rodrigues do Carmo, filha Joaquim Rodrigues de Carvalho (falecido em Itabira do Campo, em 01-JUL-1800 e Ana Maria Gomes). A geração deste casal assinava “Rodrigues de Resende”



Casamento de Silvério Alves de Resende - <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DN95-8H?i=133&wc=M5FK-L27%3A369591801%2C369591802%2C369786201&cc=2177275>

A determinação para demarcação e medição das terras pretendidas por Silvério Alves de Resende, onde se apresentou como morador, ocorreu em 24-SET-1818 (levantamento do “marco pião”). Conforme o documento, tais terras, localizadas no lugar chamado “Jordão”, na Aplicação de Santa Anna, Freguesia de São Domingos do Araxá, fazia divisa com Maria Rodrigues do Carmo (sua esposa), José Fernandes Villar e sua mulher Thómazia e, também, vertentes do Ribeirão Pizarrão. Em sentença datada em 09-MAIO-1819, o Juiz das Sesmarias

do Julgado do Araxá - Antônio da Costa Pereira, julgou a medição e demarcação das mencionadas terras, por intenção, e interpôs sua autoridade judicial para sua validação, ao tempo que mandou que se entregassem os autos ao suplicante, visando o requerimento do competente título, em face da referida sentença. (Processo de sesmaria de Silvério Alves de Rezende, oriundo do Fórum Tito Fulgêncio e localizado no arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto, em Araxá)

A deliberação para a demarcação e medição das terras requeridas por Maria Rodrigues do Carmo, na paragem chamada “Bom Jardim da Estiva”, Aplicação de Nossa Senhora de Santa Ana do termo de São Domingos do Araxá, sucedeu em 22-SET-1818. Com base nas informações disponibilizadas As referidas terras confrontavam pelo sul com Francisco Gomes, com a demarcação dos índios e com terras ainda não medidas (requeridas pelo esposo - Silvério Alves de Rezende). Por meio de sentença lavrada em 25-MAIO-1819, o Juiz das Sesmarias do Julgado do Araxá - Antônio da Costa Pereira, julgou procedente a medição e demarcação das terras solicitadas e fez outras determinações de praxe. (Processo de sesmaria de Maria Rodrigues do Carmo, oriundo do Fórum Tito Fulgêncio e localizado no arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto, em Araxá).

4 II – JOSÉ ALVES DE REZENDE C.c. ANTÔNIA ROZADA COSTA (meus hexavós)

José Alves de Rezende foi batizado em 19-AGO-1767 na capela de São Gonçalo do Bação, filial da matriz de Itabira (Itabirito), conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (livro 9 de Batismos, fls. 188 - Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito). Teve o inventário *post mortem* aberto em 1843, na fazenda Monjolinho, sendo inventariante a viúva - Antônia Roza da Costa, que declarou a origem e filiação do inventariado, além de relacionar os seis filhos que teve com o mesmo. Nota-se um equívoco no nome do pai do inventariado. Ao invés de constar Caetano de Souza Rezende, constou Caetano Alves de Rezende (seu irmão). Considerando a data de abertura do inventário (31-JUL-1843), que se encontra no Arquivo Público de Uberaba - APU, José viveu em torno dos 74 anos. Os filhos deste casal permaneceram com o sobrenome “Alves de Rezende”

Sua esposa - Antônia Roza da Costa nasceu por volta de 1773 e faleceu em 03-JAN-1850, na fazenda Monjolinho, município de Uberlândia/MG, onde também foi inventariada (APM). Dentre os bens deixados, chama a atenção alguns livros de cunho religioso, inclusive uma bíblia, avaliada em “um mil reis”. Pelas informações contidas no Processo Matrimonial (Congonhas - 1826), fichado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana sob nº 75.270, referente à dispensa de consanguinidade entre seu filho - Antônio Alves de Rezende e Maria

Fernandes de Rezende, foi possível verificar sua ascendência. Antônia Roza era tia da mãe da noiva - Ana Fernandes dos Santos c/c Caetano Alves de Resende, por ser irmã de Ana Rosa da Costa cc José Fernandes dos Santos.

Antônia Roza da Costa era filha de Francisco da Costa Leite⁹ e Ana Maria da Silva e neta pela parte paterna de Maria da Costa e por esta, bisneta de Manoel da Costa, da Freguesia de Santa Maria da Rifana (Arrifana) cc Izabel Dias em São Miguel de Milheirós de Poiares, em 08-MAR-1618. Era Trineta (por Manoel da Costa) de Sebastião da Costa e Guiomar Leite (Manoel da Costa era irmão de Guiomar da Costa, acostado na árvore de José Fernandes dos Santos, casado com Maria Rosa da Costa). Era trineta, também (por Izabel Dias), de Antônio Dias, do lugar de Guaiate, localidade pertencente a Milheirós de Poiares.

O pioneiro José Alves de Rezende também chegou à Farinha Podre (Triângulo Mineiro) em torno de 1818 e em seguida demarcou suas terras. A recomendação para a concessão da sesmaria aconteceu em 13-FEV-1821, por meio do despacho do Governador da Província de Minas Gerais – D. Manuel de Portugal e Castro, após não ter havido nenhuma oposição ao proposto no edital nº 112, lançado em 30-AGO-1820. Essas terras eram compreendidas de três léguas de comprimento por uma de largura, na paragem denominada “Monjolinho”, partindo pelo poente com a sesmaria já medida de Bento José de Godoy e pelo nascente pela estrada que vai para Goiás e pelo norte com o rio das Velhas e pelo sul com o rio Uberava (Uberaba) (Notação: SG-Cx.120-Doc.48 - Arquivo Público Mineiro - APM - Endereço Eletrônico: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtdocs/photo.php?lid=114631>)

Existem duas versões para o nome da sesmaria de José Alves de Rezende. Na versão de Tito Teixeira (1970), o referido sesmeiro, tal como seu cunhado João Pereira da Rocha, assentou um monjolo nas proximidades de sua morada e como sua mulher ainda estava em Paraopeba, viajava com frequência até lá. Então, como indicativo de posse, deixava o tal monjolo funcionando. Na versão de Gentil Alves Pereira em sua obra: São Pedro de Uberabinha – Suas sesmarias, suas primeiras famílias e suas primeiras fazendas (1979), José Alves de Rezende montou um monjolinho para socar grãos e os viajantes que por lá andavam, achando interessante, passaram a chamá-la de fazenda do “monjolinho”.

8 II – LUCIANNALVES DE REZENDE C.c. FRANCISCO RODRIGUES RABELLO

⁹ Consta requerimento de Francisco da Costa Leite, solicitando a confirmação da carta de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem do Paraopeba, freguesia das Congonhas do Campo, Vila de São José, Comarca do Rio das Mortes (Biblioteca Digital Luso-Brasileira: Projeto Resgate - Minas Gerais -1680-1832

Luciana Alves de Resende foi batizada em MAIO-1778, na capela de São Gonçalo do Bação, filial da matriz de Itaubira (Itabirito), conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (livro 38 de Batismos, fls. 9 v - Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito). Seu esposo, Francisco Rodrigues Rabello, era filho de Bartolomeu Rodrigues Rabello (inventariado em 1797 - Museu da Inconfidência - Casa do Pilar - Códice 24 - Auto 258 - 1º Ofício) e Luciana Maria Monteiro, nascida em São Gonçalo do Bação em 22-DEZ-1742 e falecida em 13-JAN-1876. Francisco Rodrigues Rabello faleceu prematuramente em 14-JUL-1822, na Serra da Canastra, possivelmente em viagem. Seu inventário *post mortem*, localizado no Arquivo Público de Uberaba - APU, foi aberto em 1823 pela viúva (inventariante), que relacionou os 9 filhos tidos em comum, que receberam o sobrenome “Alves Rabelo”.

O casal chegou também à região da Farinha Podre, por volta de 1818, e acompanhou os demais familiares na demarcação de suas terras. O direcionamento para a concessão da sesmaria de Francisco Rodrigues Rabello, chamada “Rio Claro”, realizou-se em 18-MAI-1821, após os devidos procedimentos (Edital nº 54, difundido em 20-ABR-1820). Especificadas terras eram compreendidas de três léguas de comprimento por uma de largura, no “certão da farinha”, na paragem denominada Rio Claro, que confronta pela parte da nascente com a sesmaria medida ao Alferes Inácio Pires e pelo norte com o ribeirão da rocinha acima e pelo sul com a sesmaria de Caetano Alves de Rezende (Doc. 43 - SG-CX.121, localizados no Arquivo Público Mineiro - APM).

10 II - GENOVEVA ALVES DE REZENDE C.c. JOÃO PEREIRA DA ROCHA (meus hexavós)

Genoveva Alves de Resende foi batizada em 17-JUN-1783, na capela de São Gonçalo do Bação, filial da matriz de Itaubira, conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG.

Cabe destacar que o nome Genoveva foi muito utilizado pelas gerações posteriores, levando-nos a crer que tenha sido uma pessoa influente no seio familiar.

Segundo inventário *post mortem*, aberto em 1841 pelo viúvo João Pereira da Rocha, na Fazenda São Francisco de Assis, termo da Villa de Santo Antônio de Uberaba, e que se encontra no Arquivo Público de Uberaba - APU, Genoveva faleceu no dia 01-MAR-1839; portanto, próximo a completar 56 anos. Nele consta que teve com seu esposo quinze filhos. Foi sepultada no dia 02-MAR-1839 dentro da matriz de Sant’ana da Barra do Rio das Velhas (Indianópolis). Recebeu todos os sacramentos e foi encaminhada pelo vigário Fortunato Jose de Miranda Paiva,

conforme termo lavrado no livro de óbito da referida paróquia. Os filhos deste casal receberam o sobrenome “Alves Pereira”

Antes de vir para a Farinha Podre (Triângulo Mineiro), João Pereira da Rocha, em requerimento datado em 1800, visando regularização de terras em Congonhas do Campo, se apresentou como morador na Paraopeba, no sopé da serra da Boa Morte, freguesia de Congonhas do Campo. (Arquivo Público Mineiro - APM - Casa dos Contos - Notação: CC - Cx. 153 - 21516).

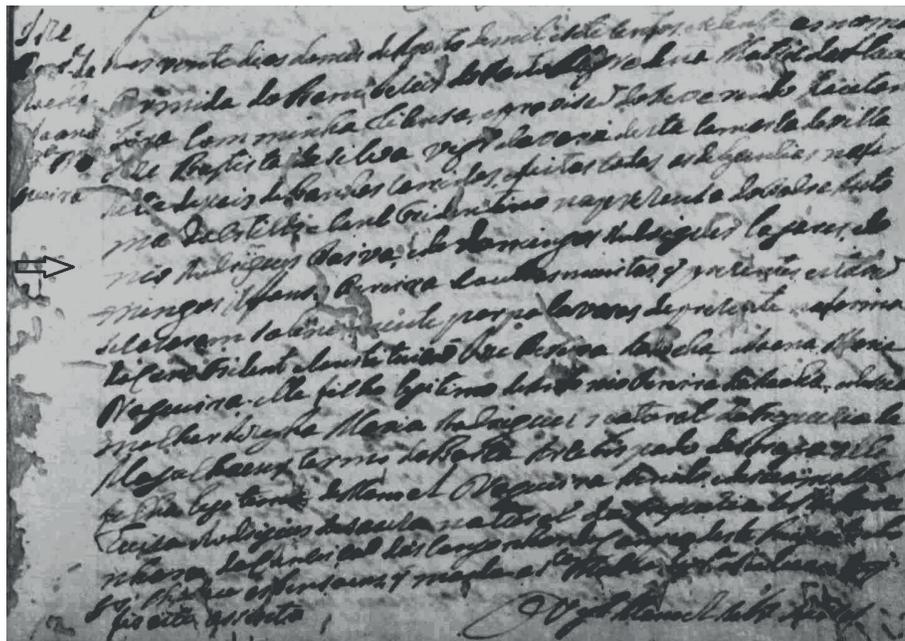
O casal chegou à Farinha Podre, por volta de 1818, apossando de terras na região entre o Rio Uberabinha e das Velhas (atual Araguari). Em 18-MAIO-1821 ocorreu a indicação para a concessão da sesmaria a João Pereira da Rocha pelo então Governador-Geral da Capitania de Minas Gerais - D. Manuel de Portugal e Castro, após não ter havido questionamentos às terras pretendidas, descritas no edital número 53, lançado em 20-ABR-1820 (Notação: SG, Cx. 121, doc. 42 -Arquivo Publico Mineiro – APM - Endereço Eletrônico : [ttp://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/btrdocs/photo.php?lid=113166](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/btrdocs/photo.php?lid=113166)).

As referidas terras foram denominadas de São Francisco de Assis em homenagem ao santo de sua predileção e eram compreendidas de três léguas de comprimento por uma de largura, na paragem denominada Joaberava legítimo (atual Uberabinha), partindo rumo do leste com a sesmaria de Bento José de Godoy, pelo rumo este com Antônio Francisco, pelo norte com o Alferes Francisco Soares Ferreira e pelo sul com o “certão inculto”. Foram nestas terras que teve início o povoamento do futuro município de Uberlândia. Consta, ainda, que em suas andanças com sua comitiva pela região, João Pereira da Rocha ainda demarcou e deu nome a outras áreas, como Fazenda Letreiro, do Salto e Estiva, que se tornaram subdivisões da São Francisco.

O desbravador João Pereira da Rocha foi batizado em 09-JUL-1774 na Ermida de Bom Jesus de Matozinho do Porto Alegre, localizada na Fazenda Porto Alegre, na Freguesia de Itaubira (Itabirito), pertencente ao seu avô - Manoel Nogueira Penido. É considerado o primeiro entrante nas terras onde hoje está localizada a cidade de Uberlândia. Chegou por volta de 1818, como Alferes (ao falecer ostentava a patente de Capitão da Guarda Nacional). Era dotado de um espírito desbravador e empreendedor. Teve posses e prestígio. Após ficar viúvo casou-se novamente com Francisca Alves Rabello, filha de Luciana Alves de Resende e Francisco Rodrigues Rabello. Faleceu por volta de 1845, já septuagenário, sendo enterrado na Aldeia de Santana do Rio das Velhas (Indianópolis). No inventário dos bens, localizado no Arquivo Público de Uberaba, aberto em pela segunda esposa, em 01-JUL-1845, na fazenda São Francisco de Assis, constam informações sobre os 15 filhos do primeiro casamento e uma filha que teve com a inventariante (menor de idade). Além destes dados, consta,

também, a sua filiação: José Pereira da Rocha e Joanna Nogueira Penido.

Seu pai, José Pereira da Rocha, era natural da Freguesia de Magalhaens, Termo de Barca, Arcebispado de Braga. Era filho de Antônio Pereira da Rocha e Josepha Maria Rodrigues. Faleceu em 23-JUL-1822, sendo sepultado dentro da capela da Boa Morte, filial de Congonhas do Campo. O casamento de José Pereira da Rocha e Joana Maria Nogueira ou Joanna Nogueira Penido ocorreu na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Campo, em 20-AGO-1770, sendo testemunhas Domingos Rodrigues Lagares e Domingos Afonso Pereira, conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (livro de Matrimônios - 1742 a 1801- Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito).



Casamento de José Pereira da Rocha e Joana Nogueira Penido, localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG - livro de Matrimônios - 1742 a 1801- Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito.

Sua mãe, Joanna Nogueira Penido (em alguns documentos: Joanna Rodrigues Nogueira e em outros: Joanna Maria Nogueira), nasceu na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo, por volta de 1748. Faleceu em 03-DEZ-1818, sendo sepultada, também, dentro da capela da Boa Morte, filial de Congonhas do Campo. Era filha primogênita de Manoel Nogueira Penido e Luiza Rodrigues de Souza, casados em Mariana/MG em 1-AGO-1746.

Manoel nasceu por volta de 1700, na Freguesia de São Miguel de Gandra, Bispado do Porto, em Portugal e veio para Minas Gerais na primeira metade do século XVIII. Luiza nasceu na Freguesia de São Sebastião, Vila do Carmo, Freguesia de Congonhas do Campo/MG e foi batizada na igreja de São Sebastião, Bispado de Mariana em 25-AGO-1729. Foram moradores da Fazenda do Porto Alegre, às margens do rio Paraopeba, freguesia de Itabira do Campo e lá construíram a Ermida do Senhor Bom Jesus do Porto Alegre, local em que vários filhos e netos foram batizados. Dos filhos do casal, dois se tornaram padres: José Nogueira Penido e Manoel Nogueira Rodrigues e se destacaram em paróquias do alto Paraopeba.

Manoel ditou seu testamento na referida fazenda, já enfermo, em 15-ABR-1785. Seu inventário encontra-se no Museu da Inconfidência - Casa do Pilar (Códice 46 - Auto 501 - 2º Ofício), em Ouro Preto/MG. No referido inventário percebe-se que era fazendeiro, tinha escravos e muitas posses. O sobrenome Penido, por ele adotado, estaria ligado à terra de sua mãe – Maria Francisca Fernandes, que era da aldeia dos “Penidos”, freguesia de Santo André de Sobrado, concelho de Valongo.

Ressalte-se, por oportuno, que as informações sobre a ancestralidade de Manoel Nogueira Penido e Luiza Rodrigues Souza estão detalhadas em artigo publicado pelo confrade e parente Alan Penido na Revista ASBRAP nº 20.

10 II - CAETANO ALVES DE REZENDE C.c. ANA FERNANDES DOS SANTOS (meus hexavós)

Caetano Alves de Rezende foi batizado em 21-SET-1785, na capela de São Gonçalo do Bação, filial da matriz de Itabira (Itabirito), conforme documento localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana/MG (livro 38 de Batismos, fls. 63 e 63 v - Igreja N. S. Boa Viagem - Itabirito). Faleceu em 09-JUN-1856, com 70 anos de idade, no município Indianópolis e teve o inventário *post mortem*, que se encontra no Arquivo Público de Uberaba - APU, aberto em 1857, na fazenda Boa Esperança, sendo inventariante a viúva - Ana Fernandes dos Santos, que declarou a origem e filiação do inventariado, além de relacionar os 10 filhos que teve com o mesmo.

Possuía a patente de Alferes. Pelo inventário, nota-se que foi um homem de posses e também de prestígio, pois era sempre chamado para ser padrinho de batismo e testemunha de casamentos. Relata o jornalista Antônio Pereira (Diário de Uberlândia), em uma de suas crônicas, que Caetano atuava também como boticário na Aldeia de Sant’Anna (Indianópolis), medicando a população com homeopatas vindas da localidade de Casa Branca, à época, um posto avançado de

comercialização às margens da antiga “Estrada de Goiás”, no interior paulista. Os filhos deste casal receberam o sobrenome “Fernandes de Rezende”.

Caetano Alves de Rezende, assim como os demais membros da família, chegou à Farinha Podre (Triângulo Mineiro) por volta de 1818 e foi demarcando suas terras. Embora não tendo localizado nos arquivos públicos respectivos a documentação concernente à sesmaria destinada a Caetano Alves de Rezende, é possível constatar, com base nas concessões dos outros membros da família, que os procedimentos para a sua outorga ocorreu na mesma época das outras e, também, que referidas terras, denominadas de Boa Esperança, confrontavam com a sesmaria de Francisco Rodrigues Rabello, que, por sua vez, vizinhava com as terras do Alferes Inácio Pires de Miranda, que se situavam na paragem chamada “Ribeirão da Caxoeira” e tinha como referências, do “marco pião” para o leste “um capão de mato que fica na beira do Rio das velhas acima de onde faz barra com o Quebranzol”. Rumo oeste, “..até a margem de campo serrado vertente do Rio Claro” (Processo de sesmaria do Alferes Inácio Pires de Miranda, oriundo do Fórum Tito Fulgêncio e localizado no arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto, em Araxá). Ressalte-se que parte das terras da Fazenda Cachoeira foi, por volta de 1850, negociada pelos herdeiros do Alferes Inácio Pires de Miranda com Caetano Alves de Rezende.

Sua esposa - Anna Fernandes dos Santos nasceu em Congonhas do Campo e foi batizada em 08-ABR-1788, na igreja de Nossa Senhora da Consolação. Sua morte ocorreu após 1857 (início do inventário). Com base no Processo Matrimonial (Congonhas - 1786), fichado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana sob nº 129404, Ana Fernandes dos Santos era filha de José Fernandes dos Santos (nascido em 22-JUL-1755, em São João da Madeira, Bispado do Porto - Portugal) e de Maria Rosa da Costa (nascida na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo), irmã de Antônia Roza da Costa, mulher de José Alves de Rezende.

Com base nestes achados e informações disponibilizadas no Arquivo Distrital de Aveiro (Portugal), sabe-se que era neta, pela parte paterna, de Salvador da Silva Fernandes, da Freguesia de São João da Madeira e de Joana Maria dos Santos, casados na mesma freguesia em 29-JUL-1753. Era bisneta (por Salvador), de Manoel Fernandes (da Freguesia de São João da Madeira) e de Domingas Moutinha (da Freguesia de Escapaens). E, pela parte de Joana, era neta de Manoel dos Santos (da Freguesia de Arrifana) e de Anna Dias (da Freguesia de Macieira de Sarnes). Era bisneta (por Manoel dos Santos), de outro de mesmo nome e Guiomar da Costa e trineta, por esta, de Sebastião da Costa e Guiomar Leite.

Pela parte materna era neta de Francisco da Costa Leite e Ana Maria da Silva e bisneta (por Francisco da Costa), de Maria da Costa e por esta, trineta de Manoel

da Costa, da Freguesia de Santa Maria da Rifana (Arrifana) cc Izabel Dias em São Miguel de Milheirós de Poiares, em 08-MAR-1618. Era tetraneta (por Manoel da Costa) de Sebastião da Costa e Guiomar Leite (Manoel da Costa era irmão de Guiomar da Costa, acostado na árvore de José Fernandes dos Santos, casado com Maria Rosa da Costa). Era tretraneta, também (por Izabel Dias) de Antônio Dias, do lugar de Guaiate, localidade pertencente a Milheirós de Poiares.

João de Deus de Albuquerque Fernandes, e de
 sua mulher Izabel Dias por Santos de João
 e Maria dos Santos do lugar da freguesia desta freguesia
 de São Pedro da Madeira, neto pela parte paterna de
 Manoel Fernandes natural desta freguesia, e de
 Domingas Moutinho natural da freguesia de
 Escalvados, e pela materna de Sebastião dos San-
 tos natural da freguesia de Arrifana de Santa Ma-
 ria, e de Anna Dias natural da freguesia de Mali-

de Madeira de Sarnes, que se avoventou
 aos dias de hoje de filhos de mil de mil de
 vinte e cinco de filhos de baptizado nos ta-
 ja por via de los ditos de los paraisos de los dñs
 de los ditos e canos por mil e quatro e por
 ones de Brito e adit de la; e por os pedidos de
 e Padre Manoel de Souza de ylla de freguesia
 de Milheirós de Poiara sob o sig. f. de los dñs
 Manoel dos Santos e Anna Dias; e por os test
 manes Manuel Ferreira e António Ferreira
 João de lugar das curias desta freguesia de
 que fiz este termo que se segue
 e João Gomes de Brito
 Manoel Ferreira de Brito
 de Brito

Batizado de José Fernandes dos Santos – Documento digitalizado – (PT-ADAVR-PVFR14-1-1_m0138.tif), Paróquia de São João da Madeira, disponibilizado pelo Arquivo Distrital de Aveiro – Portugal (<http://digitarq.adavr.arquivos.pt/viewer?id=1260463>)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves Carrijo – Pesquisa Sílvia Buttros, disponível em www.projeto compartilhar.org
- Arquivo Público de Uberaba – APU Inventários *post mortem* – Uberaba/MG
- Arquidiocese de Mariana – Livros de Matrimônios, Batismos e Óbitos – Mariana/MG
- Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência de Ouro Preto – Inventários *post mortem* – Ouro Preto/MG
- Arquivo Público Mineiro- APM – Casa dos Contos - Belo Horizonte/MG
- Arquivo Distrital de Aveiro. Portugal – Livros de Matrimônios, Batismos e Óbitos
- Arquivo Distrital do Porto. Portugal - Livros de Matrimônios, Batismos e Óbitos
- Arquivo Nacional Torre do Tombo. Portugal - inquisição
- Fundação Cultural Calmon Barreto, Inventários *post mortem* -Araxá/MG,
- Rezende, Agda de Pádua Guimarães. Os Resende em Mato Grosso do Sul – Edição própria – 2008
- Pereira, Gentil Alves. São Pedro de Uberabinha – Suas sesmarias, suas primeiras famílias e suas primeiras fazendas (1979),
- Teixeira, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil - Uberlândia Gráfica, 1970
- Pereira, Antônio. Jornal Diário de Uberlândia – crônica da cidade
- Revista ASBRAP